



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos  
Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE) CEP 49.100-00

**O CANGAÇO NA SALA DE AULA NO COLÉGIO DE  
APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
(CODAP, 2013-2014)**

Acadêmica: Tâmara Cristina Soares de Albuquerque

Prof. Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Célia Costa Cardoso

São Cristóvão  
2015

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	4
2	<b>HISTÓRIA ORAL</b>	6
3	<b>MEMÓRIAS DO CANGAÇO</b>	9
3.1	MISSA DO CANGAÇO	9
3.2	GRUPO CANGACEIROS DE PAULO AFONSO/BAHIA	11
3.3	JOGO DIDÁTICO “LUDO HISTÓRICO: ROTAS DO SERTÃO”	13
3.4	LITERATURA DE CORDEL	15
3.5	CINEMA	17
4	<b>DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	19
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	24
6	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	25

# **O CANGAÇO NA SALA DE AULA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (CODAP, 2013-2014)**

Tâmara Albuquerque<sup>1</sup>  
[taminhaalbuquerque@gmail.com](mailto:taminhaalbuquerque@gmail.com)

## **RESUMO**

Esse artigo objetiva estudar a temática Cangaço na sala de aula do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP- UFS) através da utilização de um jogo didático “Rotas do Sertão”. Discute-se, ainda, o grupo de cangaceiros de Paulo Afonso / Bahia e a Missa do Cangaço, organizada pela neta de Lampião, Vera Ferreira, para preservar a memória dos cangaceiros e descobrir outros recursos além dos livros didáticos. Foi aplicado um questionário aos alunos do Ensino Médio CODAP e ao professor de História, para analisar a forma do ensino-aprendizagem da temática através do emprego da História Oral, como técnica de entrevista.

**Palavras-chave:** Cangaço — Jogo didático — Memória

## **RESUMEN**

Este artículo tiene por objeto estudiar el tema cangaço en el clase en el Colegio Aplicación de la Universidad Federal de Sergipe (CODAP- UFS) mediante del uso de un juego didático "Ludo Historia: Rutas del Interior". También se examina el grupo de cangaceiros de Paulo Afonso / Bahía y a la masa de cangaço, organizado por nieta de Lampião, Vera Ferreira, para preservar la memoria de cangaceiros y descubrir otros recursos además de los libros de texto. Se aplicó un cuestionario a los estudiantes de secundaria de CODAP y profesor de historia, a fin de analizar la forma de enseñanza-aprendizaje tema, mediante el empleo de la Historia Oral, como técnica de la entrevista.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>- Dr<sup>a</sup> Célia Costa Cardoso. E-mail: [taminhaalbuquerque@gmail.com](mailto:taminhaalbuquerque@gmail.com)

**Palabras clave:** Cangaço — Juego didáctico — Memoria

## **1-INTRODUÇÃO**

A pesquisa começa com um estudo sobre a temática Cangaço para ser abordada na sala de aula. De tantas metodologias utilizadas pelos docentes no seu campo de trabalho, podemos ver as dificuldades que são enfrentadas por um ensino de história no assunto sobre o cangaço. A temática do cangaço entra em jogo, para tentar compreender o movimento que aconteceu no nordeste brasileiro em meados do século XIX, por conta, principalmente, das péssimas condições sociais e econômicas dessa região. O Cangaço é um dos principais fatos que nos levam a entender os acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais dessa região nos séculos XIX e XX.

A aplicação do jogo educativo deu-se no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, que conta com a atuação de bolsistas do PIBID-História da Universidade Federal de Sergipe. Nestes, foi trabalhado em sala de aula o jogo *Ludo Histórico: Rotas do Sertão* e posteriormente, aplicou-se um questionário aos alunos, para que falassem sobre o seu processo de aprendizagem antes e depois de conhecer o conteúdo do jogo.

Outro questionário foi aplicado ao professor, para avaliar a importância do tema para o docente e como esse conteúdo é tratado em sala de aula, levando-se em conta a importância cultural desse acontecimento para a população sergipana. Analisando o Ensino de História sobre o cangaço na sala de aula no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, identificando as várias formas de ensinar o tema cangaço na sala de aula, abordando o tema cangaço na sala de aula através do Jogo Didático “Rotas do Sertão” e compreendendo a memória do “cangaço” na sala de aula. A temática do cangaço tem sérios problemas no ensino metodológico das escolas públicas. E um dos problemas está no livro didático.

Por isso que essa pesquisa serve para debater e mostrar outras metodologias pedagógicas no ensino de história na temática do cangaço na sala de aula. Para se conhecer bem o cangaço é preciso ler autores e estudiosos que falam sobre o assunto. E são vários os que estudam o cangaço relacionando-o como a literatura, a música, o teatro, as mulheres do grupo do Lampião, memórias e outros mais. Iniciaremos a discutir o autor Antônio Fernando de Araújo Sá, que

trata no seu livro *O Cangaço nas Batalhas da Memória*<sup>2</sup>. Um livro de grande conhecimento, abordando subtemas como o cangaço como palimpsesto da cultura brasileira, o cangaço entre a história e a memória, a história do cangaço sob o império imaterial da oralidade, o cangaço na literatura infanto-juvenil, memória do cangaço no sertão do São Francisco, a Missa do cangaço nas Batalhas da Memória (1998-2008), e o HQ do cangaço. Estabelecendo uma relação entre História e a Memória, pode-se questionar o papel da memória coletiva na história e na construção das identidades coletivas, bem como a memória e o esquecimento enquanto fenômenos políticos.

A memória é analisada como fonte à medida que a história oral se assenta na memória e não em textos. O autor diz sobre as comemorações que são feitas para lembrar do cangaço que foi vivido aqui no Nordeste nos anos de 1929-1938, e citando as mais conhecidas comemorações que são: a missa do cangaço que é realizada todos os anos na Grota de Angico, onde foi o local da morte do Virgulino Ferreira da Silva, o Vulgo Lampião, no dia 28 de julho, sendo que uma semana antes do evento, historiadores e pesquisadores se reúnem e fazem breves estudos, e seminários, para mostrar o quão grande se pode ainda estudar sobre o cangaço, que nem tudo ainda foi estudado, pesquisado e já escrito. E outra comemoração é o grupo de dança de Paulo Afonso/BA, o Grupo Cangaceiros, onde eles realizam festas e danças todos os anos no carnaval de sua cidade, que desfilam em ruas, junto com o grupo fazendo batucadas, que produzem uma forma específica de constituição da memória no cangaço, inscrevendo-se em uma modalidade coletiva, popular, e oralizada.

Outro autor que também pode-se citar sobre o cangaço, estudos feitos por ele, o autor Alcino Alves da Costa, quando ele traz no seu livro *Lampião em Sergipe*<sup>3</sup>, Um sertão sem cangaço, Cidades e povoados sergipanos que foram invadidos pelos cangaceiros, A mulher no cangaço, as dores do cangaço em Poço Redondo, Angico- o epílogo final, mentiras e mistérios de Angico, aberrações de Angico, etc. Esses são uns dos autores<sup>4</sup> que podem ser estudados para complementar estudos sobre História e Memória no Cangaço.

Trata-se de um estudo em história social e econômica nos moldes do que os historiadores dos *Annales*. Mas já com a crítica feita posteriormente por alguns excessos cometidos, entre os quais, da quase eliminação do papel dos indivíduos na história. Sabemos que é um campo extremamente amplo do ponto de vista conceitual e que possui uma longa tradição na historiografia. Uma das principais ambições desses historiadores é de desviar os estudos

---

<sup>2</sup> SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *O cangaço nas batalhas da memória*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

<sup>3</sup> COSTA, Alcino Alves, *Lampião em Sergipe*. Aracaju, SE: Editora Diário Oficial, 2011.

<sup>4</sup> - pessoas que escrevem sobre o cangaço, estudiosos da temática.

históricos do “único, do acidental, para investir completamente no estudo das regularidades – e, porque não, das leis? – do social”.

Assim, no excessivo empenho em analisar a força das coisas, a intervenção dos homens na história ficou reduzida à insignificância. Contudo, realizada a crítica às pretensões demasiadamente estruturais e totalizantes, a história social e econômica continua sendo reivindicada por diversos historiadores como abordagem capaz de recortar e elucidar problemas específicos da realidade histórica.

Entendemos que ainda é válida a afirmação feita por Hebe Castro, segundo a qual, “em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam. Frente à crescente tendência à fragmentação das abordagens historiográficas, esta acepção da expressão é mantida por muitos historiadores como horizonte da disciplina”. A história social, hoje, deve voltar-se para níveis de análise menos amplos, reduzir a escala de abordagem e, também, devolver a relativa liberdade dos atores. Além disso, toda a história social deverá considerar não só o universo das práticas sociais concretas, mas também o das representações, das criações simbólicas, dos costumes, em suma, das culturas e práticas culturais. Da mesma forma podemos considerar a especificidade e importância da história econômica, e do quanto essa esfera da realidade ajuda-nos a compreender outros aspectos da história.

## **2- HISTÓRIA ORAL**

A introdução da História Oral no Brasil veio em meados de 1970, mas só na década de 90 veio expandir-se, de forma significativa, assim criando espaço nas pesquisas históricas. A criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, e a publicação de seu boletim têm estimulado a discussão entre pesquisadores e utilizadores desta fonte de pesquisa em todo o país. Trabalhar nesse campo de atuação no Brasil em geral ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas. Mas qual o *status* da história oral?

Dentre desse *status* da história oral, podemos ver três as principais posturas a respeito. A primeira advoga ser a história oral uma *técnica*; a segunda, uma *disciplina*; e a terceira uma *metodologia*. Aos defensores da história oral como técnica interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervo, e etc.

Pois ela é fruto do cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano. E os que postulam o a história oral status de disciplina baseiam-se em argumentos complexos, por vezes contraditórias entre si. Pois eles partem de uma ideia central e fundamental, dizendo que a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; e os defensores da história oral como metodologia? Eles aceitam, em linhas gerais, o feixe de ideias antes resumido, espécie de território comum sobre o qual se erige a história oral hoje, o que naturalmente a transforma em algo muito mais abrangente e complexo do que uma simples técnica, como querem alguns.

Mas ainda assim dá para entender que a história oral como todas outras metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho. Tais como, diversos tipos de entrevistas, e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências do seu trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática. Ao nosso ver, não dá para permitir que possa só classificá-la unicamente como prática. Mas na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. Mas pra quem trabalha com história oral, qual diferença poderá fazer nas suas pesquisas? A diferença é que a única preocupação se concentrará exclusivamente em temas como organização de acervos, realizações de entrevistas, etc.

“[...] a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.”<sup>5</sup>

De acordo com Alberti, ele diz que a entrevista numa pesquisa já é a própria história. O pesquisador deve sintetizar e analisar a entrevista como uma fonte, uma fonte oral, e para facilitar para o pesquisador, se orienta fazer a transcrição de entrevistas. O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos” sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação (sonoras e visuais).

---

<sup>5</sup> - ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV/ CPDOC, 1990.

A escolha da testemunha permite que o pesquisador elabore os procedimentos, roteiro, para o registro e a análise das informações recolhidas após as entrevistas. Pois a entrevista é a principal ferramenta para produção de conteúdo e precisa ser bem preparada, e principal instrumento do método de História Oral. A entrevista pode ser feita por uma ou mais entrevistadores. Mas alguns tópicos pode orientar o pesquisador passo a passo na produção de entrevistas:

- 1- Pesquisador não deve se apropriar da entrevista como somente uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo.
- 2- Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista.
- 3- Evitar o cansar o entrevistado.
- 4- Evitar perguntas rigorosas do ponto de vista cronológico
- 5- Repetir de diversas formas a mesma pergunta para tentar transpor resistências.
- 6- Não insistir em situações desconfortantes.
- 7- No início da entrevista, gravar informações como: nome do entrevistado, e do(s) entrevistador(es), data, local, e finalidade do trabalho.
- 8- Adaptar-se à psicologia da testemunha.
- 9- Estabelecer um ambiente de confiança com o entrevistado.
- 10- Providenciar um Termo de Consentimento Informado, onde fique bem claro ao entrevistado: a) as finalidades da pesquisa, b) nome do informante e número de documento pessoal, como RG; d) a permissão ou não permissão da divulgação do nome do informante (caso não seja permitido, orienta-se que se produza uma declaração para este fim no verso deste termo, sendo assinado por ambas as partes ( pesquisador e entrevistado), podendo o informante optar por um pseudônimo; e) cedência dos direitos da participação do entrevistado e seus depoimentos para a pesquisa em questão; f) abdicação do dos direitos autorais do entrevistado e de seus descendentes; g) data e assinatura do termo pelo participante e pesquisador- torna-se importante nesse item, anexar ao termo que será assinado por ambas as partes, a transcrição da entrevista.<sup>6</sup>

Trabalhar com História Oral é dar espaço aos anônimos da História na produção e divulgação, procurando articular as informações recolhidas e elementos dos objetos da pesquisa. A História Oral produz narrativas, que são as narrativas da memória. O registro e a guarda da entrevista é importantíssimo, e é uma discussão sobre o uso metodológico da História Oral, sendo que o uso metodológico se apresenta como um fértil instrumento para a pesquisa

---

<sup>6</sup> -CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para a pesquisa histórica. In: Fragmenta. Aracaju: UNIT,2005.



do emaranhado da História Humana.

### **3-MEMÓRIAS DO CANGAÇO (MISSA DO CANGAÇO, GRUPO CANGACEIROS DE PAULO AFONSO/ BAHIA, JOGO DIDÁTICO “LUDO HISTÓRICO: ROTAS DO SERTÃO”, LITERATURA DE CORDEL E CINEMA)**

#### **3.1- MISSA DO CANGAÇO**

A missa é vista como doutrina cristã, e tem um caráter eminentemente histórico. Memória é essencialmente contínua, sem rupturas. E assim podemos pensar e relembrar das Missa do Cangaço, realizada todos os anos, sendo inicialmente no ano de 1998, e desde de lá que não se para de acontecer, no dia 28 no mês de julho na Grota de Angico<sup>7</sup>, em Poço Redondo/ SE. A criação da missa do cangaço está associada a iniciativas memoriais das autoridades municipais e estaduais com vistas a institucionalização da memória do cangaço no município de Poço Redondo, como a inauguração da Praça Lampião, em 1988, e sua reforma em 1998 pelo prefeito Enoque de Salvador, e o tombamento da Grota de Angico como patrimônio histórico-cultural pela constituição estadual de 05 de outubro de 1988, no seu artigo 229.

A primeira Missa do Cangaço aconteceu quando completou 60 anos da morte de Lampião e mais alguns companheiros do seu bando, no dia 28 de julho de 1998, no local Grota de Angico. Na ocasião, o prefeito do momento de Poço Redondo também inaugurou uma placa em homenagem a todos que tombaram no combate de 28 de julho de 1938, evidenciando a intensa negociação entre os poderes constituídos e a sociedade envolvente reclamando a constituição de elementos patrimoniais percebidos como símbolos das suas vivências singulares.

Na 3ª Missa do Cangaço, o padre reitera sua leitura da luta de Lampião a favor dos oprimidos, afirmando que “Lampião nos ensina a ser valentes, não baixarmos a cabeça para os poderosos que estão matando as pessoas carentes”, e no fim ele diz que Lampião não só representa só um pedaço do sertão, mas uma fase de revolução que precisa crescer dentro de nós. Assim, nas Missas do Cangaço, como nas romarias de Canudos, a Igreja católica recupera está leitura em que sua principal tarefa foi difundir o reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania. Uma das mais principais responsáveis por esse acontecimento, ou seja, essa missa é a neta de Lampião e de Maria Bonita, Vera Ferreira, que é a principal incentivadora dessa iniciativa memorial.

---

<sup>7</sup> - Patrimônio Histórico refere-se a um bem móvel, imóvel ou natural que possua valor significativo para uma sociedade, local, podendo ser estético, artístico, documental, científico, social, espiritual ou ecológico.

Em entrevista, ao jornal CINFORM, a neta de Lampião, elabora interessante associação da luta de Lampião com a do MST (Movimento Sem Terra):

Eu fico preocupada quando colocam hoje o cangaço como uma forma de banditismo. Tratam-se de coisas diferentes. Eles foram homens que disseram não a situação. Quando eu vejo sem teto e sem-terra se rebelarem, aí sim vejo uma forma de cangaço. Não os traficantes e os Fernandinho Beira- Mar que a imprensa idolatra. Isso nunca foi o cangaço, mas produto da impunidade.<sup>8</sup>

Essa reelaboração da memória do cangaço realizada nas Missas do Cangaço já havia sido percebida pela historiadora M. Wiesebron<sup>9</sup>, quando afirma que as memórias publicadas a partir dos anos 70 por pessoas ligadas diretamente ao cangaço-ex-cangaceiros, ex-volantes, ex-militar ou seus descendentes devem ser lidas com bastante cuidado, pois, em grande parte, percebe-se evidente influência dos debates historiográficos produzidos em torno do tema, principalmente da obra de Eric Hobsbawm *Rebeldes primitivos*<sup>10</sup>. O sincretismo religioso se faz presente nas práticas religiosas, na medida em que, o catolicismo popular, se estabelece uma leitura dos símbolos católicos.



Imagem disponível em: <[blogdosmendesemendes.blogspot.com](http://blogdosmendesemendes.blogspot.com)> - acesso no dia 31 Janeiro de 2015. Missa do Cangaço na Grota de Angico, em Poço Redondo- Sergipe.

<sup>8</sup> - MARTINS, Flávia. Herdeiros do Cangaço. In: CINFORM. Aracaju/ SE, 28/07 a 3/08 de 2003 (caderno de cultura e variedades).

<sup>9</sup> WIESEBRON, Marianne. Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional. *Ciência & Trópico*. Recife, v.24, n.2, jul./dez.1996, p.434.

<sup>10</sup> - HOBBSAWM, Eric. J. *Rebeldes Primitivos*. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

A missa do cangaço, ao convidar ex-volantes, ex-coiteiros e ex cangaceiros, ocupando o mesmo espaço de visibilidade, sugere uma tentativa de apaziguamento das batalhas da memória em torno do fenômeno, buscando conquistar certo consenso para a concretização de iniciativas como o Museu do Cangaço ou um Centro de Referência do Cangaço. No Geral, a Missa do Cangaço é a construção da ideia de turismo cultural como ferramenta para o desenvolvimento local, em que se respeitem os direitos comunitários dentro do turismo. De um modo geral, a Missa do Cangaço pode ser inserida numa operação de ressignificação do fenômeno histórico, visando demarcar na geografia imaginária do cangaço um discurso legitimador, reafirmando-o como luta contra os poderosos e, no limite, a antessala da revolução.

Ao mesmo tempo, busca transformá-lo em produto de consumo para o turismo. Sob este último aspecto, percebe-se a tentativa do apagamento das divergências em torno da memória do cangaço, especialmente entre a “memória volante” e a “memória dos cangaceiros”, e estabelecimento de um relativo consenso sobre a importância do resgate turístico do cangaço para o desenvolvimento socioeconômico do Sertão do São Francisco.

### **3.2- GRUPO CANGACEIROS DE PAULO AFONSO/BAHIA**

Já no falar sobre outro tipo de memória do Cangaço, temos a citar sobre o Grupo Cangaceiros de Paulo Afonso- Bahia. Esse grupo começa a partir do ano de 1956, numa linda terça-feira de carnaval, em pleno fim de tarde, numa tão conhecida a Avenida Getúlio Vargas, e daí o locutor dizia em alto e anunciava: A eminente morte de “Lampião - O Rei do Cangaço.

Os habitantes foram pegando todas as suas atenções para aqueles homens com seus uniformes, demonstrando o cangaço, mostrando que estavam submissos a uma homenagem a um capitão, o Vulgo Lampião. E também tem a grande diferença pois tem também a presença da primeira mulher no cangaço, a Maria Bonita<sup>11</sup> mas todos esses homens do grupo dos cangaceiros de Paulo Afonso, eles se vestem de homens e mulheres representando o cangaço.

Apareceram primeiramente na avenida Getúlio Vargas tocando instrumentos básicos, e dentro deles estavam também tocavam a sanfona pequena de oito baixos, tambores, pífano, triângulo e etc. Calçavam suas alpercatas de couro, chapéu de couro contendo as estrelas por cima dos cabelos compridos, vestiam roupa de pano grosso de cor azulada, lenços vermelhos no pescoço.

---

<sup>11</sup> Maria Bonita- Mulher do Virgulino Ferreira da Silva, apelido da mulher chamada Maria Gomes de Oliveira

Todos eles mostravam a força do cangaço, cada um representando uma personagem, o cangaceiro do Bando de Lampião, eram eles: Volta- Seca, Zabelê, Jararaca, Corisco, Ângelo Roque, e eles chegavam na praça já encenando a morte do Lampião, o ritual de morte. E podemos ver que tudo isso tem a ver com a morte de Lampião no ano de 1938, no Estado de Sergipe.



*Imagem disponível em: < [www.radiovazabarris.com.br](http://www.radiovazabarris.com.br) >, acesso dia 31 Janeiro de 2015. Grupo de Cangaceiros de Paulo Afonso/ Bahia.*

Essa associação Folclórica e Comunitária dos CANGACEIROS DE PAULO AFONSO, Bahia conhecida também como Cangaceiros de Lampião, atua desde de 1956 representando a vida e morte do Virgulino Ferreira da Silva, o Vulgo Lampião. E aí vem a pergunta quem são os componentes do Grupo Cangaceiros de Lampião? Que tipo de reflexão eles fazem com a história do Lampião e do Cangaço? Os Integrantes do Grupo Cangaceiros de Lampião moravam na Vila Poty e a maioria trabalhava na CHESF. Para eles as situações de vida eram bem precárias, começando pela falta de saneamento básico, falta de luz, água e esgoto. A água não chegava as suas casas e nem a iluminação que não chegavam na vila que moravam, nem perto das ruas que moravam, e também podemos citar a falta de educação, saúde e lazer para a grande maioria da população daquele local. Já que não tinha lazer nem clubes para se divertirem, então o que eles mais faziam eram a improvisada e consistindo na organização dos bailes de forró, durante os finais de semana, ou as vezes idas à casa das prostitutas, que eles chamavam popularmente de “cabarés”.

E na maioria das vezes iam viver como trabalhadores assalariados e passando a viver na cidade como operários. Mas ninguém imagina o porquê que eles escolheram o tempo do

carnaval para as suas apresentações públicas, como faziam de costume na praça da cidade de Paulo Afonso na Bahia. Querendo citar sobre a origem do grupo que foi construído a partir de Guilherme Luiz dos Santos, um dos fundadores do grupo, mas não só tinha ele como fundador principal do grupo, pois era um grupo de pessoas, de homens que eram operários assalariados, outro podendo citar o Nelson Ferreira da Silva, que enfatizando mais as toadas, uma espécie de cantoria muito comum de acontecer em festas de vaquejadas.

Especificamente, o grupo Cangaceiros de Lampião nas ruas, identificava um acontecimento tão incomum, pois era na época do carnaval. E o que os integrantes do Grupo Cangaceiros de Paulo Afonso pensam, afinal do Vulgo Lampião? Uma das respostas pra essa pergunta é mostrando que muitos deles, têm suas histórias marcadas no cangaço, mas como? Conhecendo ou familiarizando com pessoas que viveram e que estiveram no cangaço do Bando de Lampião. E também pra isso foram buscar fontes pra sim eles colocarem em práticas a história do Cangaço do Bando de Lampião, a História Oral, as recordações com famílias, fotos, parentes, e alguns documentos escritos por estudiosos do tema. E essas fontes foram influenciando também na origem do grupo, e no modo como ele apresenta o cangaço.

### **3.3- JOGO DIDÁTICO “LUDO HISTÓRICO: ROTAS DO SERTÃO”.**

Um projeto de um jogo que se dividiu em três partes, onde na primeira parte os discentes tiveram uma breve explanação sobre os assuntos, na segunda é aplicada o jogo didático e, por fim, na terceira é feito um questionário para saber se houve proveito nas duas etapas anteriores e o quão eles gostaram e acham que aprenderam.

A princípio, percebe-se que a maioria dos alunos não conheciam o tema e falaram que o dito não era abordado nos seus livros didáticos, fazendo com que na primeira etapa ficassem um pouco tímidos e com medo de falar sobre os assuntos. Entretanto, na segunda etapa, foi dividido dois grupos de 6 pessoas e eles ficaram, de certo modo, eufóricos e mostraram que era possível demonstrar o que aprenderam sobre o assunto através de uma “brincadeira”, onde eles erraram poucas perguntas. Por último eles responderam um questionário escrito, com perguntas objetivas, onde foi possível perceber o que eles acharam desse modo dinâmico de aprendizagem e o quão eles acham que aprenderam, apesar de, isso ter sido observado pelos alunos-bolsistas do PIBID-História UFS durante o jogo e ter percebido a realidade e a questão favorável ao ensino-aprendizagem com essa metodologia didática.





*Imagem do jogo "Ludo Histórico: Rotas do Sertão", criado por José Santo Souza Neto, Bolsista do PIBID-. História, ano 2014. Acervo de Santo Souza Neto.*

O jogo de tabuleiro “Ludo Histórico: Rotas do Sertão” consiste em o jogador ser o primeiro que, partindo de uma casa de origem, chega com o peão à casa final. Para isso, deve-se dar a volta inteira no tabuleiro e chegar antes dos adversários. No decorrer do jogo os participantes irão se deparar com perguntas objetivas ou explicativas, curiosidades, prendas, bonificações ou desvantagens. Pode jogar até quatro grupos de jogadores e o primeiro que conseguir ir ao ponto de chegada, ganha o jogo. O jogo possui algumas considerações e regras básicas:

- O jogo possui quatro peças, duas de cor preta e duas de cor branca, e os jogadores devem escolher a peça que deseja para jogar e a sua cor.
- Os participantes devem jogar o dado e quem tirar o maior número começa a partida.
- Cada número que sair no dado, é a quantidade de casas que a pessoa terá que percorrer — todavia, pelo caminho existem pontos que quando a peça do jogador pára nele; o jogador pega uma carta onde possui uma pergunta para ele responder. Se a resposta estiver correta o jogador continuará na casa onde parou, todavia se errar o jogador deverá voltar uma casa.

- O jogador ao responder a pergunta de forma correta ou não, pegará um cartão que falará uma curiosidade sobre rotas do sertão.

Concluindo, foi muito proveitoso o interesse dos assuntos com essa metodologia de ensino e, percebe-se que, existem diversas metodologias diferentes a serem aplicadas em sala de aula para fazer com que os discentes aprendam sobre os conteúdos explanados e que o questionário informal, isto é, aquele onde o aluno não precisa identificar-se na hora de responder, faz com que o professor fique a par diante do que os alunos acham da aula/assunto ou da forma de abordagem, fazendo com que exista uma maior aproximação e acabar facilitando no processo ensino-aprendizagem.

### **3.4- LITERATURA DE CORDEL**

Primeiro a Literatura de Cordel surge no Brasil com a prática da leitura de folhetos nos tempos derradeiros do século XIX. Após a década de 1930, o cenário da recepção sobre as histórias contadas em métrica com rima muda significativamente, e várias editoras no Brasil iniciam a publicação de cordéis. E assim as feiras e as praças públicas de todo o Nordeste foram povoadas de poetas cordelistas. Com o foco nos combates e artimanhas do cangaceiro, principalmente de Lampião, o Cangaço tem sido relatado em cordéis desde o início do século XX. Na realidade, os feitos e desfechos do cangaceiro, a autonomia de atitude de Maria Bonita, muitas vezes parecem entrar numa seara surrealista, e por isso tantas histórias do cangaço são narradas em folhetos de cordéis.

O historiador Albuquerque Júnior discorre que a narrativa contida num cordel “produz uma realidade nascida de reutilização de uma memória popular entrelaçada com acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades, [...] uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição [...]”<sup>12</sup> São poucos os folhetos que citam Maria Bonita como personagem principal, citando mais o cangaceiro Lampião. Na maioria das vezes, a Maria Bonita ela se diferencia das outras mulheres basicamente do nosso Nordeste, por três motivos: por ser uma mulher forte e indomável, por incorporar características sociais ditas como masculinas; e além de tudo, por continuar sendo uma mulher interessante por não abdicar da franqueza feminina e cultuar uma notável vaidade.

É importante refletir que o cordel é um testemunho que pode ensinar determinados pontos de vista sobre qualquer tema, e nesse sentido, a arte popular de folhetos criou uma didática para especificar a fala sobre o cangaço, configurando, assim, o que se pode chamar de “coletivo repertório imagético”. Uma pequena parte da literatura do cordel que trata sobre Maria

---

<sup>12</sup> - ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Revista, São Paulo: Cortez, 2009.

Bonita e Lampião, de cordelistas: Rouxinol do Rinaré e Antônio Klévisson Viana:



Imagem disponível em: <[www.magazinegibi.com.br](http://www.magazinegibi.com.br)>, acesso 31 Janeiro de 2015. História Completa de Lampião e Maria Bonita.

[....] Travessando o velho Chico  
Já no Estado da Bahia  
Mesmo em condição mesquinha  
A sorte o favorecia  
Pois na fazenda ‘Malhada  
Da Caiçara’ tão falada  
Encontra sua Maria

Tinha ele ao se apaixonar  
Trinta e dois anos de idade  
Ao conhecer essa jovem  
Uma flor da mocidade  
Seu semblante reluzia



Mais tarde ela o seguiria  
De espontânea vontade

Maria Gomes de Oliveira  
Amou muito a Lampião  
Decidiu ser a primeira  
Cangaceira do Sertão  
Ignorando o destino  
Acompanhou Virgulino  
Pela força da paixão!

Com seus dezenove anos  
Maria se precipita  
De coração, corpo e alma  
Naquela sina maldita  
Jovem, corajosa e bela  
Os macacos deram a ela  
O nome de Maria Bonita<sup>13</sup>.

### 3.5- CINEMA

A representação do cangaço no cinema, chega muitas vezes a tratar o tema com um certo estereótipo, onde ainda provocam mentes e pensamentos, sobre a ideia de heróis ou bandidos? Justiceiros ou facínoras? E há mais de 80 anos a história do cangaço vêm inspirando poesia, prosa, canções, desenhos, pinturas e esculturas- e filmes. E assim foi feito o primeiro filme, com imagens gravadas pelo libanês Benjamim Abraão Botto (1890-1938), como nome de “O Governador do Sertão<sup>14</sup>”, mostrando imagens dos cangaceiros e de cangaceiras, Lampião e sua mulher Maria Bonita, em situações “cotidianas”, elas são frutos de uma encenação. Muitos filmes foram feitos em homenagem, que até se fala na constituição de um gênero cinematográfico. Filmes como *O cangaceiro* (1953), filme da companhia Cinematográfica Vera Cruz, dirigida por Lima Barreto, *Meu nome é Lampião* (1969), uma produção de Roberto Farias,

---

<sup>13</sup> - ROUXINOL, do Rinaré; KLÉVISSON, Antônio Viana. História Completa de Lampião e Maria Bonita. Tupynanquim Editora- Xilogravura: DILA- Fortaleza, Março de 2008.

<sup>14</sup> - O filme, considerado uma “afronta a nacionalidade”, foi apreendido em 1937 pela polícia no governo de Getúlio Vargas e manteve confiscado até 1957. Quarenta anos depois, o premiado filme pernambucano vai seguir os passos de Benjamim Abraão e reencontrar seu encontro com o cangaço.

dirigida por Mozael Silveira. Existem mundos de distância entre esses filmes. Mundos, visões de mundo e interesses. O cinema por sua vez alimenta o mito. E a fantasia anda solta pelo mundo, seguindo o clarão da espingarda de Lampião.

Sobre essa temática a primeira minissérie brasileira produzida pela Rede Globo foi *Lampião e Maria Bonita* (1982), com direção de Paulo Afonso Grisolli. A minissérie trata dos últimos seis meses do bando de Lampião e tem como pano de fundo o Estado Novo e o empenho de Getúlio Vargas em modernizar o Brasil.



*Minissérie realizado pela Rede Globo, em 1982, com direção de Paulo Afonso Griolli. Imagem disponível em: <[www.minisseriesbrasileiras.blogspot.com](http://www.minisseriesbrasileiras.blogspot.com)>, acesso em 31 Janeiro de 2015.*

As imagens realizadas por Benjamim Abraão na década de 1930 mostra uma mulher elegante e que demonstra uma desconcertante segurança frente a câmera. E quem é? Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. A mulher que nasce no dia 08 de março de 1911, na Malhada da Caiçara (Santa Brígida, Bahia). Encontrou Virgulino Ferreira da Silva no final de 1929, e se apaixonou. É a primeira mulher entrar no bando do Lampião, no Cangaço. Seu casamento dura 08 anos. Maria Bonita nos filmes, é representada como uma mulher sedutora e erotizada, é uma personagem tão inexpressiva que pouco pode se dizer sobre ela- talvez somente como uma mulher sedutora.

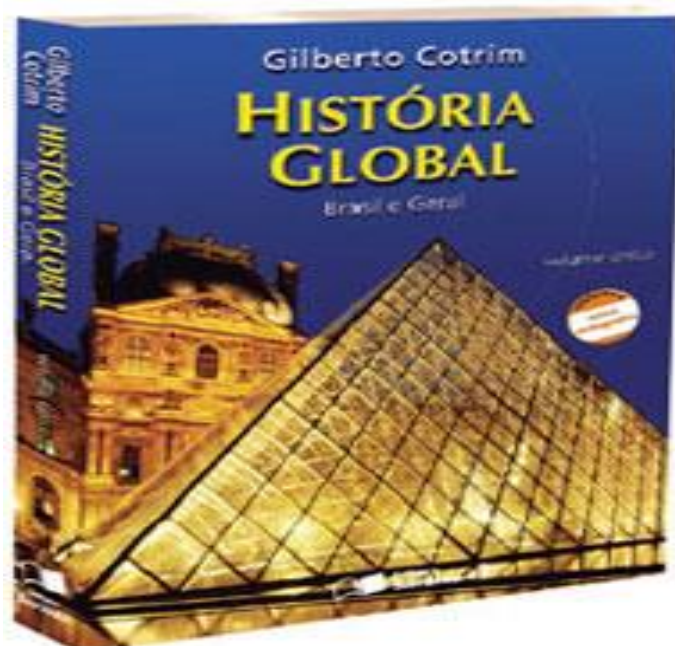
O cangaço, por seu lado, é símbolo de liberdade e valentia; é a ação jovem rompendo fronteiras, criando regras, inventando

#### **4- DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Numa entrevista que foi feita ao Professor José Genivaldo Martires do CODAP, através da História Oral sobre o cangaço na sala de aula, conseguimos ver com um olhar didático as metodologias para utilizar na temática Cangaço. Sobre a importância do tema para o povo sergipano, “podemos dizer que não só para o povo sergipano, mas o Nordeste como um todo. Pois o cangaço está na memória, na mentalidade, no modo de ser do nordestino, inclusive o sergipano, porque Sergipe foi o estado onde o bando de Lampião se dissolveu na Grota de Angico no dia 28 de julho de 1938, em Poço Redondo. É uma temática que se estende no final do século XIX até a primeira metade do século XX, e é importante para esse resgate da história do Nordeste da maneira do ser nordestino, principalmente problemas sociais, e políticos que passavam o Nordeste, e dando ênfase a essa maneira como os coronéis governavam essas regiões, é nordestino, e como estabelecem as relações do poder e fazem interferência entre os bandos, coronéis e população”.

O livro didático é tomado como parâmetro no programa nacional, pois o livro didático é elaborado, editado e montado no sul do país, tem uma função de homogeneizar. Quando ele tem essa proposta deixa as lacunas, principalmente as lacunas locais desta história local.

Quando a gente pega a temática do cangaço, ela tá inclusa, é no partido da república velha misturado às outras temáticas sem a importância devida de estudar um homem nordestino. Consequentemente, nas entrelinhas do texto didático, associar se o cangaço a um banditismo social, tão que é necessário exterminar os bandidos “sociais” para que a situação política brasileira deixasse de ser marginalizada.



*Livro didático para ensino médio. Imagem disponível em: < [www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br) >, acesso em 31 Janeiro 2015.*

“Então, tem muito o que se fazer, se discutir sobre o livro didático. Mas o que fazer numa sala de aula; pode muito bem pegar esse texto e fazer juntamente com os meninos, uma análise típica desse texto. Não é necessário somente trazer um novo texto para sala de aula, para pegar o mesmo texto, onde está com essa visão de incumbida do cangaço, tentar ver com o aluno, uma crítica em relação a essa visão que o pessoal tem em relação ao nordeste que é o cangaço.” Mas como todos outros temas de estudo, esse também há controvérsias, mas em relação ao ponto de vista, e principalmente no livro didático, vimos que o livro didático tenta homogeneizar o pensamento do cangaço. Apesar que não devemos ver o cangaço num só ponto de vista, só sob uma ótica. Como bandido, a partir dos quais parâmetros, santo, herói, também, outra parte de outros parâmetros. Há uma tendência nessa literatura didática de colocá-lo como “bandido”, inclusive existe temática “banditismo social”. Estuda as revoltas ocorridas na primeira república, e tem lá “banditismo social”. Então as pessoas que estudam sobre o cangaço já “entram na história” nessa ótica de o ver como bandido.

“Então não tem, é, como se defender ou mostrar uma outra visão. É desta forma, que se percebe no livro didático uma relação ao cangaço, e que devemos é menosprezá-la. Então você tem um parágrafo, meio parágrafo que fala sobre o cangaço. E o que opta pela questão do meio termo, mas por outro lado, nada, o aluno vai saber como surgiu, não vai saber também como terminou, e as razões que fica nisso, fica complicado. Uma vez que o currículo na atualidade é determinado pelo ENEM, pelos parâmetros do ENEM, e muitas vezes não se dá a atenção devida na sala de aula com esses assuntos”. Mas qual seria a melhor tática para o ensino do cangaço na sala de aula?

Todo professor de História deve ser criativo, e bem didático, sempre um caçador de curiosidades, pois não se deve só ficar grudado e usando o livro didático como única forma de passar os assuntos para o aluno na sala de aula. Deve se utilizar jogos, cartazes, documentos para que os alunos possam estar cada vez mais adentrados com o assunto, ou com o fato histórico quando se forem olhar os documentos passados pelo professor. Porque não só no livro didático utilizado e que foi adaptado pela escola, tem tudo para se aprender. Mas é isso que será tratado para falarmos sobre as didáticas do ensino de história.

Qual o melhor método? Qual o melhor fundamento? Mas diante de todas essas perguntas, utilizarei o livro *Ensino de História: fundamentos e métodos*.<sup>15</sup> Mas para o ensino médio que é o ensino que escolhemos, já que tratamos de um movimento social, uma temática

---

<sup>15</sup> -BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*/ Circe Maria Fernandes Bittencourt- São Paulo: Cortez, 2004- (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental e médio/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta.)

chamada Cangaço, que vem ser tratado no 3º ano do ensino médio. Os PCN de História, único texto curricular publicado após 1996 para o ensino médio, de acordo com essa proposição, procurou articular a formação para a cidadania com o domínio de informações e conceitos históricos básicos. Uma pesquisa sobre o ensino médio de Paulo Eduardo de Mello aponta para as seguintes características do PCN para esse nível:

“A ênfase dos textos dos PCN reside na articulação entre os conteúdos expressos em informações e conceitos e de como proceder para compreendê-los e analisá-los, dimensionando o saber escolar com o saber fazer ao mesmo tempo que admite e inclui como pressuposto a ser explicitado que este saber não é neutro. Desta forma, é intrínseco do conteúdo programático de cada disciplina a inclusão de atitudes e valores e habilidades a serem trabalhadas na prática escolar. Nessa perspectiva, para cada disciplina é necessário estabelecer as relações entre os conteúdos explícitos e conceitos básicos com as formas pelas quais os alunos adquirem e se apropriam desses conteúdos”<sup>16</sup>

A História proposta para o ensino médio pelos PCN mantém a organização dos conteúdos por temas, mas sem elencá-los ou apresentar sugestões, como foi feita para os demais níveis. O cuidado com a formulação, e a estruturação das tendências históricas também permanece, para que os conceitos propostos como base do estudo sejam trabalhados de forma coerente. Permanece a tendência de fundamentos apoiados na história social, e cultural, que, entre outros aspectos, visa introduzir diferentes sujeitos no fazer histórico.

Os alunos do ensino médio, em sua maioria têm como meta a continuidade dos estudos, partindo para a universidade que exigem mais, são mais rigorosas, então dependendo do curso que o aluno pretende cursar. E os livros didáticos são criados, elaborados para atender essa situação, para que os alunos saiam preparados para a universidade.

Como se trata de uma história regional, o cangaço no Nordeste Brasileiro, em meados do início do século XX. A história regional tem sido, entretanto, objeto de debates constantes entre historiadores e apresenta-se como um desafio do ponto de vista teórico. A história regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação. A mesma coisa acontece com a história local, que tem sido identificada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência-escola, casa, comunidade, lazer- e igualmente por situar em problemas diversos, e significativos da história do presente.

O papel do ensino de história na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos

---

<sup>16</sup> -ARAÚJO, Luciana Teles. O uso do livro didático do ensino de história: depoimentos de professores das escolas estaduais de ensino médio situadas em São Paulo, 2001.

relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local. O cangaço ele também é trabalhado no livro didático como forma de representação social, que devem ser analisadas considerando que os indivíduos são marcados pelo seu grupo social. A representação social não pode ser ignorada e deve estar inserida na construção do saber escolar criado e definido no contexto da aprendizagem.

No ensino de história, os temas de estudo são necessariamente ligados e perpassados por diversas leituras externas as aulas, sendo em muitos casos objeto de debates e de controvérsias que não podem nunca se limitar ao domínio epistemológico da lógica formal, mas também deve ser considerado em seus aspectos políticos e ideológicos. Fazer com que os alunos exponham suas representações sociais sobre o tema proposto para estudo pode favorecer igualmente uma reflexão por parte deles próprios.

Ao destacar que o aluno percebe do objeto a ser estudado, o professor trata-o como um sujeito apreendendo dada realidade ou determinado fenômeno e dá validade ao seu conhecimento, ao mesmo tempo que pode sublinhar e destacar as grandes falhas e lacunas. Seu papel é então completar o que está faltando, com novas informações e dados conceituais, pondo novamente em discussão certas questões mais polêmicas e aumentando a capacidade de argumentação dos alunos.

Os livros didáticos de história particularmente vêm sendo avaliados e vigiados tanto por órgãos nacionais como internacionais, sobretudo após o fim da segunda guerra mundial. A partir da segunda metade do século passado, divulgavam-se estudos críticos sobre os conteúdos escolares, nos quais eram visíveis preconceitos, visões, estereotipadas de grupos e populações. Mas muito criticado, e muitas vezes considerados os culpados pela mazela do livro didático de história, pois diversas pesquisas tem revelado que são um instrumento a serviço da ideologia e da perpetuação de um “ensino tradicional”.

As críticas em relação aos livros didáticos apontam para muitas de suas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos. O livro didático ele é um objeto de “múltiplas facetas” e para a sua elaboração e um uso existem muitas interferências<sup>17</sup>. Primeiro considerar como um produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro didático caracteriza-se nessa dimensão material, por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e a lógica da indústria cultural do sistema capitalista, assim também como um suporte de conhecimentos escolares propostos pelos currículos educacionais, também pode ser considerado como um suporte de métodos pedagógicos, por conter em si, atividades, exercícios de fixação, sugestões de trabalhos individuais ou até em grupo, e também precisa ser

---

<sup>17</sup>- LIBÂNEO, José Carlos. Didática/ José Carlos Libâneo-São Paulo: Cortez,1994.- (coleção magistério 2º grau.Série formação do Professor.

entendido como um veículo de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura determinada época e de determinada sociedade.

No nosso país os livros didáticos de História têm sido os mais investigados pelos pesquisadores e foram igualmente muito comuns as análises dos conteúdos escolares em uma perspectiva ideológica. Ultimamente os livros didáticos têm sofrido muitas mudanças repentinas, dentre delas para ser adaptadas ao referencial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os livros são produzidos em forma de coleções que se destinam às diferentes séries do ensino médio e obrigatoriamente apresentam o livro do aluno e o livro do professor. Os Livros didáticos se prestam a sistematizar e difundir conhecimentos mas servem, também, para encobrir ou escamotear aspectos da realidade, conforme modelos de descrição e explicação da realidade consoantes com os interesses econômicos e sociais dominantes na sociedade. O professor não pode esperar que o livro didático revele os aspectos reais das coisas, as razões reais que estão por detrás das diferenças sociais.

A Função principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, através do processo de ensino. As duas são facetas de um mesmo processo. O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, vista que tem que estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem. Onde tem três tipos de aprendizagem, que são: a aprendizagem casual, a aprendizagem organizada e aprendizagem escolar. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. A aprendizagem organizada é aquela que tem por finalidade aprender e determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social. E a aprendizagem escolar é, assim um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino.

O ensino é um meio fundamental do progresso intelectual dos alunos. O processo de ensino é uma atividade de mediação pela qual são providos as condições e os meios para os alunos se tornarem sujeitos ativos na assimilação de conhecimentos. O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Os princípios do ensino são aspectos gerais do processo de ensino que expressam os fundamentos teóricos de orientação do trabalho docente.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A temática Cangaço como podemos ver é tratada pouquíssimas vezes, nos livros didáticos com um espaço nos capítulos de História do Brasil República, e nos livros didáticos do ensino médio das escolas estaduais e às vezes também, nas escolas particulares. Já que ultimamente não é cobrado no ENEM os assuntos que contém no livro, pois o próprio exame

eles passam quais assuntos podem cair, então isso dificulta a presença da temática no ensino.

O cangaço tratado como um movimento considerado “banditismo” e outras como “um movimento social” já que o Rei do cangaço, chamado Virgulino Ferreira da Silva, o vulgo Lampião, ele ajudava muito aqueles que eram desfavorecidos do governo da época, nos anos de 1919 a 1938 no sertão do nordeste brasileiro, e outros consideram como bandido, pois causou muitas mortes e muitos estupros. E não podemos de deixar de estudar pois é um assunto muito importante para o estudo da Brasil República, pois trabalha quando os coronéis e tenentes comandavam naquela época, por isso foi criado o grupo Cangaço também como forma de vingança de pessoas que tinham seus parentes mortos pelos soldados e volantes dos coronéis. Mas dentre outras, nós, futuros professores do ensino de História que devemos ter cuidado para que um assunto que marcou nosso país, não seja esquecido no livro didático, e nas escolas.

Voltando a tratar sobre a memória do cangaço, temos a falar sobre o grupo de Cangaceiros de Paulo Afonso-Bahia. Acho bem interessante, porque além deles serem pessoas simples, pessoas que não tem muita boa condição de vida, de classe social, mas eles fizeram questão de montar esse grupo para demonstrar nas ruas da cidade, que o cangaço demonstrou e mostrou muito em nossa redondeza, em Paulo Afonso, Poço Redondo, algumas cidades de Alagoas, Uma citação aqui sobre uma das histórias de um homem que fez parte do grupo Cangaceiros de Paulo Afonso:

“Lampião verdadeiro tinha razão de fazer o que fez. Ele tinha razão. Porque um filho um filho que não honra o seu pai, não é filho. Essa história é dita verdade. Ele (Lampião) foi dar parte na delegacia na morte do seu pai e o delegado o que foi que respondeu para ele — ‘Esqueça, rapaz, dê isso acabado’ — Então o senhor não vai tomar providência não? [...] Lampião foi um justiceiro, ele fez o que a lei manda, de filho para pai”

Esses homens são operários, são assalariados e fazem parte desse grupo, para mostrar a importância do cangaço no nosso estado e para sabermos que o cangaço nunca pode ser esquecido, pois se tem inúmeras formas de memória e de lembrar o que foi o cangaço no nosso Estado de Sergipe. Mas nunca esquecer que de diversas formas o cangaço é lembrado, como grupo cangaceiros de Paulo Afonso/BA, filmes, minissérie e na literatura de cordel. O cangaço está dentro de cada um de nós nordestino, principalmente na forma de ser, o nordestino justiceiro.



## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. revista. São Paulo: Cortez, 2009.
- AMADO, Janaína(coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas,1998.
- ARAÚJO, Antônio Amaury Correia de, 1934- A687/ **Lampião: as Mulheres e o Cangaço**/ Antônio Amaury C. Araújo- São Paulo: Traço, 1985.
- ARAÚJO, Luciana Telles. **O uso do livro didático do ensino de História: depoimentos de professores das escolas estaduais de ensino médio situadas em São Paulo,2001**. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC, São Paulo.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**/ Circe Maria Fernandes Bittencourt- São Paulo: Cortez,2004- (coleção docência em formação. Série ensino médio e ensino fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta.)
- CAMELO, José Vieira – **Zuza. Lampião: o sertão e sua gente**. 2ª Ed. SP, ed. Do autor: O Autor na Praça, 2008.
- CLEMENTE, Marcos Edilson Araújo de. **Lampiões acesos: o cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009
- COSTA, Alcino Alves. **Lampião em Sergipe**. Aracaju, SE: Diário Oficial, 2011.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.
- FERREIRA, Vera- **Bonita Maria do capitão: centenário de Maria Bonita,1911-2011**- Orgs,- Salvador: EDUNEB,2011. 328 pg.:11
- FERREIRA, Vera; AMAURY, Antônio. **De Virgolino a Lampião**. 2ª ed. Revista. Aracaju, 2009.
- História do Cordel**. Disponível em: [www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordel.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm). Acessado em:29/01/2015.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**/ José Carlos Libâneo- São Paulo: Cortez, 1994. - (Coleção magistério 2º grau. Série formação do Professor.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de Couro**. - A estética do Cangaço. Prefácio de Ariano Suassuna. São Paulo. Escrituras, 2010.
- ROUXINOL, do Rinaré; KLÉVISSON, Antônio Viana. **História Completa de Lampião e Maria Bonita**. Tupynanquim Editora- Xilogravura: DILA- Fortaleza, Março de 2008.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O Cangaço nas Batalhas da Memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE,2011.
- VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza. **O Cangaço no cinema brasileiro**. 2007. 432 f. Tese (doutorado em multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007. Disponível em :< [http:// libdigi.unicamp.br/document/?Code= vtls000424299](http://libdigi.unicamp.br/document/?Code=vtls000424299)>. Acesso: em Janeiro/2015.